

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE ENFERMAGEM**

GIULIA MANGONI

A ENFERMAGEM E O AUTISMO: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

CAXIAS DO SUL

2024

GIULIA MANGONI

A ENFERMAGEM E O AUTISMO: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de bacharelado em Enfermagem na Universidade de Caxias do Sul na Área de conhecimentos de Ciências da Vida.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patricia De Gasperi

CAXIAS DO SUL

2024

GIULIA MANGONI

A ENFERMAGEM E O AUTISMO: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção de bacharelado em Enfermagem na Universidade de Caxias do Sul na Área de conhecimentos de Ciências da Vida.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Patricia De Gasperi

Aprovada em 05/12/2024

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Patricia De Gasperi
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Daiane Vergani
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Daniela Barella
Universidade de Caxias do Sul

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo descrever o que a literatura científica atual traz a respeito da enfermagem e o autismo. Trata-se de uma bibliometria realizada nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO), PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e tem como objetivos caracterizar as publicações nacionais e internacionais a respeito da enfermagem e do autismo, identificar os principais âmbitos de atuação elencados nos estudos, os principais tópicos estudados pelos enfermeiros e identificar se a atenção básica é o principal âmbito de atuação profissional. Os profissionais de enfermagem precisam investir nas práticas de atenção à saúde, na comunicação e avaliação para uma melhor confirmação de diagnóstico e início do tratamento, proporcionando um atendimento humanizado e considerar a complexidade e o impacto do diagnóstico para a família. Conclui-se que a criança autista é um indivíduo que requer maior atenção da equipe de enfermagem. Os enfermeiros precisam elaborar estudos com o intuito de se criar cuidados e intervenções específicas de enfermagem para os autistas.

Palavras-chave: enfermagem; autismo.

ABSTRACT

The following study aims to describe what's most current in the scientific literature about nursing and autism. It is a bibliometric study realized on data bases of LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), PubMed and Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) and its objectives are to characterize national and international publications on Nursing and ASD, to identify the main areas of action listed in the studies, the main topics studied by nurses and to identify whether Primary Care is the main scope of professional activity. The nursing professionals must invest on their practices in care attention, on their communication e evaluation for a better diagnosis confirmation and begin the treatment, providing a humanized care and have the consideration to the complexity and impact of diagnosis to the family. There for the autistic child is a patient wo requires a bigger attention of the nursing team. The nurses must elaborate studies in order to create nursing care and specific interventions for the autistic people.

Keywords: nursing; autistic disorder.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	7
2.1	OBJETIVOS GERAIS	7
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	7
3	REFERENCIAL TEÓRICO	8
3.1	TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	8
3.2	SINAIS E SINTOMAS DO TEA	9
3.3	DIAGNÓSTICO	10
3.3.1	Critérios diagnósticos	11
3.4	TRATAMENTO	11
3.5	ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO	12
4	METODOLOGIA	13
4.1	DELINEAMENTO DE ESTUDO	13
4.2	COLETA DE DADOS E ANÁLISE	13
4.2.1	Critérios de inclusão e exclusão	14
4.3	ASPECTOS ÉTICOS	14
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
6	CONCLUSÃO	23
7	REFERÊNCIAS	25
	APÊNDICE A – CRONOGRAMA	31
	APÊNDICE B – QUADRO BIBLIOMÉTRICO	32

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), mais conhecido como autismo, é um transtorno de desenvolvimento neurológico caracterizado pela dificuldade de comunicação e interação social, atraso no desenvolvimento da fala, inflexibilidade de rotinas, comportamentos repetitivos e hipersensibilidade à estímulos podendo se manifestar antes dos três anos de idade (Mota *et al.*, 2023).

O termo autismo foi usado, inicialmente, em 1911, pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, para delinear mais um dos sintomas da esquizofrenia. Contudo, foi só a partir do fim da Segunda Guerra Mundial que o autismo começou a ser tratado como uma patologia diferenciada. (Marfinati; Abrão, 2014).

O Governo Federal, em 2012, instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, conhecida como Lei Berenice Piana (n. 12.764/2012), que determina o direito da pessoa autista a ter um diagnóstico precoce e tratamento oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), como também determina acesso e oportunidades dessas pessoas na inserção no mercado de trabalho proporcionando igualdade e equidade para todos (Mota *et al.*, 2023).

Hoje o Brasil conta com instituições de auxílio ao TEA e à família. Uma das instituições é a Autismo e Realidade, formada em 2010 como uma associação de pais e profissionais de saúde com o propósito de difundir conhecimento sobre o TEA, combatendo preconceitos e auxiliando na orientação de familiares, professores e cuidadores. Há também diversas associações sem fins lucrativos em vários estados brasileiros como Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia entre outros (Autismo e Realidade, 2020).

O TEA atinge atualmente 1 em cada 36 crianças (Maenner, 2020). O primeiro estudo epidemiológico sobre autismo consta de 1966, na Inglaterra, por Vitor Lotter (Ribeiro, 2007). Naquela época ele encontrou uma prevalência de 4,5 crianças autistas para cada dez mil. Outros estudos também conduzidos entre o fim da década de 1960 e início da década de 1970 na Europa apontam para estimativas de um autista para cada 2500 crianças (Maenner, 2020).

Desde então, a prevalência global de TEA aumentou, aproximadamente, trinta vezes. As estatísticas da doença tornaram-se mais acessíveis, pois, no ano 2000, o *Center of Diseases Control and Prevention (CDC)* criou o *Autism and Developmental Disabilities Monitoring (ADDM)*, uma rede que se ocupa das estimativas e prevalência de TEA nos Estados Unidos (Almeida; Neves, 2020).

Segundo Paula, Fombonne, Gadia, Tuchman & Rosanoff (2011 *apud* Almeida; Neves, 2020), grande parte dos estudos sobre prevalência são realizados na Europa e Estados Unidos, sendo que muitos países não dispõem desses dados tão bem documentados, incluindo o Brasil (Almeida; Neves, 2020).

A criança portadora do TEA requer maior atenção no seu cuidado (Mota *et al.*, 2023), portanto, a equipe de enfermagem, além de realizar procedimentos, oferece cuidados especiais, como priorizar o atendimento à criança autista, prevenindo uma possível crise desencadeada por sons do ambiente, para assim estabelecer vínculos que irão facilitar a comunicação com essa criança.

Assim, entende-se que a equipe conseguirá, demonstrando afetividade, uma melhor interação e assim melhorar os procedimentos que poderão ser realizados tais como, curativos, punção venosa, administração de medicamentos, oxigenoterapia, entre outros. Dessa forma, fortalecendo o vínculo e segurança entre a equipe de enfermagem e a criança com TEA, pode ser proporcionado um melhor atendimento às necessidades que ela apresenta garantindo o seu bem-estar.

O TEA pode ser desafiador para os profissionais recém-formados, como também para os experientes por ser um transtorno mais recente na nossa sociedade e possuir pouca informação a respeito de seu diagnóstico, intervenções e prevenções. Dito isso, existe a necessidade de profissionais enfermeiros em todos os âmbitos de atuação profissional qualificados para percepção dos sinais precoces e mudança de comportamento da criança.

O enfermeiro é o profissional que mantém contato com a criança portadora do TEA através das consultas de puericultura com o intuito de acompanhar seu crescimento e desenvolvimento. Durante a consulta ele tem a oportunidade de realizar anamnese e conhecer o histórico dessa criança, bem como seus aspectos comportamentais. O enfermeiro, juntamente com a equipe multiprofissional de psicólogos, médicos pediatras, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, profissional de saúde da família, entre outros, pode observar comportamentos incomuns e até sinais específicos de TEA, realizando intervenções psicoeducacionais e reabilitação à sociedade juntamente com a equipe multiprofissional da unidade básica.

Na Estratégia de Saúde da Família é possível trabalhar na perspectiva da promoção da saúde e redução dos agravos, acompanhando o crescimento e o desenvolvimento infantil durante as ações de puericultura. O enfermeiro, como membro da equipe multiprofissional, é um dos responsáveis por esse acompanhamento e deve estar preparado para avaliar o desenvolvimento infantil, a fim de detectar precocemente qualquer anormalidade e tomar as

medidas resolutivas para a melhoria da qualidade de vida, principalmente da criança com TEA e de sua família (Nascimento *et al.*, 2018).

Assim, o enfermeiro tem um papel importante na atenção e cuidado à criança com TEA, não só realizando o acolhimento como também auxiliando e direcionando a família da criança portadora de TEA aos profissionais pediatras e também as instituições para crianças com TEA para terem um cuidado efetivo na identificação precoce do transtorno, tratamento adequado e ajuda da equipe multidisciplinar para desenvolver uma melhor qualidade de vida independente do grau de patologia do TEA.

Para que o enfermeiro seja capaz de desenvolver seu papel junto à criança e à família do autista é fundamental que ele seja capacitado, assim sendo, a busca por conhecimentos específicos se torna indispensável. A experiência acadêmica evidenciou que são poucos os programas de educação continuada a respeito do TEA, o que leva a compreensão de que precisamos buscar conhecimentos de forma independente em pesquisas já realizadas e bancos de dados científicos.

Diante desta realidade elencamos a seguinte pergunta de pesquisa: o que a enfermagem estuda sobre TEA nos diferentes âmbitos de atuação profissional?

Atualmente, são poucas informações sobre TEA pertinentes à área de enfermagem. Em razão da carência de informações para os profissionais é através deste estudo que é demonstrada a importância de pesquisas futuras para conhecer estratégias de assistência em enfermagem que a criança portadora de TEA e sua família e/ou cuidador podem receber, desde acolhimento de enfermagem até a percepção que o profissional têm a respeito das mudanças comportamentais que a criança pode demonstrar nas consultas de enfermagem, que tem como objetivo, acompanhar o crescimento e o desenvolvimento infantil.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAIS

Caracterizar as publicações nacionais e internacionais a respeito da enfermagem e o TEA.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) identificar os principais âmbitos de atuação dos enfermeiros elencados nos estudos;
- b) identificar os principais tópicos estudados pelos enfermeiros em relação ao TEA;
- c) identificar se a Atenção Básica é o principal âmbito de atuação profissional pesquisado pelos enfermeiros.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O TEA é um distúrbio caracterizado pela alteração das funções do neurodesenvolvimento, que podem englobar alterações qualitativas e quantitativas da comunicação, seja na linguagem verbal ou não verbal, na interação social e do comportamento, como: ações repetitivas, hiperfoco para objetos específicos e restrição de interesses. Dentro do espectro são identificados graus que podem ser leves e com total independência, apresentando discretas dificuldades de adaptação, até níveis de total dependência para atividades cotidianas ao longo de toda a vida. (Martins, 2022).

Autismo, do grego *autós*, significa “de si mesmo”. Esse termo foi empregado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugene Bleuler em 1911. Bleuler tentou descrevê-lo como a “fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia” (Cunha, 2017, p. 13).

Leo Kanner, psiquiatra austríaco, naturalizado americano, publicou as primeiras pesquisas relacionadas ao autismo em 1943. Ele constatou uma nova síndrome na psiquiatria infantil denominada, a princípio, de distúrbio do contato afetivo. A denominação de Kanner deveu-se à observação clínica de crianças que não se enquadravam em nenhuma das classificações existentes na psiquiatria infantil. (Cunha, 2017, p. 14)

Um marco na classificação desse transtorno ocorreu em 1978, quando Michael Rutter propôs uma definição do autismo com base em quatro critérios:

- a) atraso e desvio sociais não só como função de retardo mental;
- b) problemas de comunicação, novamente, não só em função de retardo mental associado;
- c) comportamentos incomuns, tais como movimentos estereotipados e maneirismos;
- d) início antes dos 30 meses de idade (Klin, 2006, p. 2).

De acordo com Baker (2013 *apud* Borges; Moreira, 2018), em 1980 surgiu o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders III*, o DSM III. De importância imensurável, este foi o DSM que mais se destacou, definindo o autismo infantil como uma desordem de desenvolvimento, assim o distanciando de esquizofrenia (Borges; Moreira, 2018).

A versão mais recente do DSM, o DSM-5 (APA, 2013), introduziu inúmeras mudanças baseadas em uma revisão das duas décadas de trabalho que se seguiram ao DSM-IV. O termo

“transtorno pervasivo do desenvolvimento”, um tanto esquisito, que havia sido empregado por muitos anos, foi suprimido como denominação geral para a categoria e substituído por “transtorno do espectro autista” (Volkmar, 2019).

Em 27 de Dezembro de 2012, é sancionada a Lei Berenice Piana (Nº 12.764) que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução (Brasil, 2012).

A causa ou causas do autismo são ainda desconhecidas, sabe-se, contudo, que tem uma base genética importante. Além disso, acredita-se que fatores adicionais provenientes do meio interno e/ou externo, podem se acumular contribuindo para o desenvolvimento do autismo e influenciando sua manifestação (Coelho *et al.*, 2006).

3.2 SINAIS E SINTOMAS DO TEA

Os sinais de autismo nem sempre são fáceis de serem percebidos, mas é possível identificar alguns traços dos distúrbios do espectro já em bebês. Os atrasos na linguagem, diferenças comportamentais e dificuldade na interação social normalmente são os primeiros sintomas do autismo percebidos na infância. (Resende *et al.*, 2024)

Atualmente, o autismo é amplamente definido por estruturas biomédicas e psicológicas, tendo sua definição mais utilizada àquela que consta no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM V -, e o caracteriza

por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades (APA, 2013, p. 31).

A partir da Segunda Guerra mundial, com o desenvolvimento de nomenclaturas para desordens mentais realizadas pelo exército americano para o tratamento dos veteranos da guerra e a insatisfação da psiquiatria norte-americana com a primeira classificação de desordens mentais incluída na Classificação Internacional de Doenças (CID-6), proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS), foi publicada a primeira versão do DSM, em 1952. Nessa primeira versão, foram listadas 106 desordens mentais (Derbli, 2011). Neste primeiro manual, o autismo foi categorizado como Reação Esquizofrênica tipo Infantil (APA, 1952).

as razões esquizofrênicas que ocorrem antes da puberdade. O cenário clínico pode se diferenciar das reações esquizofrênicas de outras faixas etárias, em função da imaturidade e da plasticidade do paciente no momento de início da reação. Reações psicóticas em criança, que manifestam primeiramente autismo, são classificadas aqui (APA, 1952, p. 28).

Em 2013 a nova edição DSM –V, traz alterações que perpassam a nomenclatura. Esta nova edição denominou o autismo de Transtorno do Espectro do Autismo. A esse respeito, Teixeira et. al (2017, p. 29 *apud* Evêncio; Menezes; Fernandes, 2019, p. 7) esclarece que o

DSM-5 (American Psychiatry Association, 2014) descreve os sintomas do Transtorno do Espectro Autista (TEA) como representado por um *continuum* único de prejuízos, com intensidades que vão de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritos e repetitivos.

A classificação deixou de ser conforme os diferentes tipos de autismo, passando a ser classificado pela necessidade de apoio apresentado sendo:

- a) pouca ajuda: Nível 1 ou leve;
- b) ajuda substancial: Nível 2 ou moderado;
- c) ajuda muito substancial ou total: Nível 3 ou severo (Evêncio, Menezes, Fernandes, 2019, p. 7).

3.3 DIAGNÓSTICO

Crianças com TEA tendem a apresentar problemas no desenvolvimento entre os 12 e 24 meses, mas os sinais de alerta podem ser percebidos antes de completarem um ano (Girianelli *et al.*, 2023).

De acordo com Losápio e Pondé 2008, o Departamento de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento da Sociedade Brasileira de Pediatria recomenda aos pediatras e profissionais de saúde que trabalham com crianças da primeira infância, o instrumento de triagem de indicadores do Transtorno do Espectro Autista (TEA) chamado *Modified Checklist for Autism in Toddlers* (M-CHAT). No Brasil o M-CHAT foi traduzido e validado para o Português (cultura brasileira) em 2008 (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2017).

A importância do diagnóstico precoce do autismo fica cada vez mais evidente na literatura, em função do impacto potencial da intervenção, que propicia a estimulação da

criança. Isso porque, nos primeiros anos de vida, há maior capacidade de organização neural, o que favorece melhor prognóstico e qualidade de vida (Girianelli *et al.*, 2023).

3.3.1 Critérios diagnósticos

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª edição), mais conhecido como DSM-5, é a última atualização desta ferramenta utilizada internacionalmente para traçar diagnósticos psiquiátricos. O DSM é revisado de tempos em tempos e a sua última atualização foi feita em 2013, referente à quinta edição que está em vigor. Portanto, o intuito do manual é guiar e embasar os profissionais que lidam com transtornos relacionados à mente, como o TEA, a fim de padronizar os diagnósticos (Briter, 2022).

O M-CHAT é um breve questionário referente ao desenvolvimento e comportamento utilizado em crianças dos 16 aos 30 meses, com o objetivo de rastrear as perturbações do espectro do autismo (PEA). Pode ser aplicado tanto numa avaliação periódica de rotina (cuidados primários de saúde), como por profissionais especializados em casos de suspeita. Como na maioria dos testes de rastreio poderá existir muitos falsos positivos, indicando que nem todas as crianças que contam neste questionário irão ser diagnosticadas com esta perturbação. No entanto estes resultados podem apontar para a existência de outras anomalias do desenvolvimento, sendo por isso necessária a avaliação por profissionais desta área (Robins *et al.*, 1999).

3.4 TRATAMENTO

Geralmente, os tratamentos de primeira linha para crianças com autismo incluem tratamentos psicossociais e intervenções educacionais, com o objetivo de maximizar a aquisição da linguagem, melhorar as habilidades sociais e comunicativas e acabar com os comportamentos mal adaptativos. Não existem, atualmente, tratamentos medicamentosos-padrão disponíveis, que tratem os sintomas nucleares do autismo (Nikolov; Jonker; Scahill, 2006).

A Associação para a Ciência do Tratamento do Autismo dos Estados Unidos, afirma que a terapia ABA é o único tratamento que possui evidência científica suficiente para ser considerado eficaz. Basicamente ela trabalha no reforço dos comportamentos positivos e envolve o ensino intensivo e individualizado das habilidades necessárias para que a criança autista possa adquirir independência e a melhor qualidade de vida possível. Dentre as

habilidades ensinadas incluem-se os comportamentos que interferem no desenvolvimento e integração do indivíduo diagnosticado com autismo:

- a) comportamentos sociais, tais como contato visual e comunicação funcional;
- b) comportamentos acadêmicos tais como pré-requisitos para leitura, escrita e matemática;
- c) atividades da vida diária como higiene pessoal;
- d) a redução de comportamentos tais como agressões, estereotípias, autolesões, agressões verbais, e fugas (Setúbal, 2018).

A Terapia Cognitivo-Comportamental é eficaz no tratamento para as pessoas com TEA. Tendo em vista que o objetivo é trabalhar as dificuldades que o paciente possui acerca das relações sociais e emoções, sendo possível também, desenvolver as habilidades motoras e de comunicação. Facilita o processo do paciente, entendendo que ele sente dificuldade nas rotinas e de se concentrar em uma mesma coisa por muito tempo. Através do tratamento, é possível que a pessoa com TEA passe a entender a respeito dos limites e das regras sociais, trabalhando com técnicas que a TCC oportuniza, como a identificação de pensamentos e comportamentos disfuncionais e treinamento das habilidades sociais (Souza; Peres; Amaral, 2022).

3.5 ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO

O profissional de enfermagem tem uma importante atribuição no cuidado à criança com TEA, pois, no momento da consulta, ele tem um primeiro contato com o cliente, podendo, por meio desse mecanismo, realizar a triagem e identificar precocemente os sinais e sintomas do transtorno, como irritabilidade, dificuldade em relacionar-se e fazer contato visual, falta de interesse pela conversa, ações estereotipadas, entre outros (Mota *et al.*, 2023).

É essencial que o profissional saiba relacionar-se com as crianças de forma geral, pois ele precisa acompanhar o ritmo de cada uma, passar confiança e saber agir de forma profissional em relação ao comportamento e ainda assim manter uma relação amigável com elas (Mota *et al.*, 2023).

O enfermeiro também tem seu papel de educador na medida em que procura orientar as famílias sobre a patologia e os sinais de atraso no desenvolvimento. A enfermagem ainda aparece de forma muito tímida no atendimento e tratamento de autistas, em parte, devido à falta de conhecimento da patologia pelos profissionais (Hofzmann *et al.*, 2019).

O olhar atento do enfermeiro a todos estes indicadores deve ser associado a escuta dos relatos dos cuidadores da criança, estimulando que estes observem cada vez mais os

comportamentos no convívio com a família, pois muitas vezes é neste ambiente domiciliar que são percebidas as primeiras manifestações do TEA, desde que o profissional oriente antecipadamente sobre os marcos esperados no desenvolvimento infantil (Medeiros *et al.*, 2022).

Em caso de diagnóstico ou suspeita de TEA, durante as orientações feitas à família nas consultas de puericultura, o enfermeiro também pode abordar as questões de segurança da criança e incentivar as seguintes precauções: manter todos materiais potencialmente perigosos como os perfurocortantes fora do alcance da criança, usar barreiras como telas ou grades em janelas ou portas e colocar pulseira de identificação na criança se a família for a algum evento massivo, a fim de minimizar os riscos para a criança (Medeiros *et al.*, 2022).

Profissionais capacitados podem contribuir com identificação de sinais e sintomas do TEA bem como realizar intervenções e encaminhamentos pertinentes necessários, assim, enfatiza-se a prática do enfermeiro no cuidado especializado, que no Brasil ocorre nos Centros de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPSIJ) componente da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e, também, nas ações de acolhimento no sistema de saúde já que, indivíduos portadores de TEA apresentam, com maior frequência, comorbidades médicas e psicológicas (Jerônimo *et al.*, 2023).

4 METODOLOGIA

4.1 DELINEAMENTO DE ESTUDO

A descrição metodológica do estudo seguiu a revisão bibliométrica. De acordo com Marques, 2010:

os estudos bibliométricos tornam-se, cada vez mais fonte de informações para diversas áreas de pesquisa, possibilitando o conhecimento de suas “faces na sociedade, e contribuindo com a evolução da tecnologia, da comunicação e da ciência”.

4.2 COLETA DE DADOS E ANÁLISE

Para melhor organização dos dados coletados, foi elaborado um quadro bibliométrico com os artigos selecionados numerados em ordem crescente, constando nome do artigo, ano de publicação, país, nome dos autores, formação e titulação acadêmica, tema abordado e âmbitos de atuação.

Posteriormente, para análise, os artigos foram separados por categorias de âmbitos de atuação e tema e foram feitas as prevalências dos autores, ano dos artigos, países, formação e titulação e das categorias elencadas.

Os dados obtidos no decorrer dos artigos foram extraídos de bases de dados da LILACS, BVS, SciELO e PubMed, sobre o assunto “A Enfermagem e o Autismo” e em plataformas oficiais das organizações brasileiras sobre o TEA.

As palavras-chaves utilizadas para a pesquisa foram “Enfermagem” e “Autismo”.

4.2.1 Critérios de inclusão e exclusão

Para realizar a pesquisa bibliográfica, o estudo seguirá a seguinte pergunta: O que a Enfermagem estuda sobre TEA nos diferentes âmbitos de atuação profissional? Serão critérios de inclusão: artigos publicados nos anos de 2019 a 2023, gratuitos, nos idiomas português, inglês e espanhol. Serão excluídos estudos que não tenham relação com a temática e com o objetivo geral da pesquisa, artigos de revisão, bem como dissertações e teses.

4.3 ASPECTOS ÉTICOS

Por se tratar de uma revisão bibliométrica e não envolver seres humanos na pesquisa, este estudo não necessita de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, mas a pesquisadora se compromete a garantir a adequada citação dos artigos utilizados e que estes dados são utilizados para aprimoramento do conhecimento acadêmico.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os artigos foram selecionados conforme os descritores e a pergunta norteadora do projeto e os dados foram obtidos a partir do acesso a cada um dos artigos.

Os dados foram organizados em um instrumento no formato de quadro bibliométrico, com os respectivos campos: título do artigo, ano de publicação, país do artigo, nome dos autores, formação, titulação, tema abordado e âmbito de atuação.

Foram identificados, inicialmente, 79 artigos a partir dos descritores selecionados e, com a utilização dos critérios de exclusão foram excluídos 59 artigos, culminando com um total de 20 artigos como amostra deste estudo.

Quanto ao ano de publicação dos artigos, dos 20 artigos, 15 (75%) são do ano de 2019, 2020 e 2022 e 3 (15%) do ano de 2021. Somente 2 (10%) são do ano de 2023.

Evidenciou-se que o TEA foi mais estudado nos anos de 2019 a 2022 entre os profissionais da saúde e acadêmicos para construção de uma visão mais ampla de como é realizado seu diagnóstico, sinais e sintomas precoces e como manejar o transtorno em diversos âmbitos de atuação, desde a atenção primária contando com a educação em saúde para auxiliar pais e cuidadores, até no serviço de pronto atendimento.

De acordo com a Lei nº 13.861 de julho de 2019 “Os censos demográficos realizados a partir de 2019 deverão incluir as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista” (Brasil, 2019).

Quanto aos países, dos 21 artigos, 9 (43%) são artigos Brasileiros, 7 (33%) são artigos Estadunidenses e 4 (19%) são artigos de outros países. Com isso, percebe-se uma expressiva participação do Brasil em estudos e pesquisas referente ao TEA, bem como, seu diagnóstico, tratamento, manejo do transtorno e o trabalho do profissional da saúde no cuidado à criança com TEA e seus familiares e/ou cuidadores.

Mesmo contando com menos pesquisas e publicações a respeito, perdendo somente para os Estados Unidos, os profissionais da saúde, principalmente os enfermeiros Brasileiros ainda mostram relativo conhecimento a respeito do TEA, influenciando diretamente na sua profissão e no futuro de novos profissionais. É de suma importância a enfermagem fazer parte desses profissionais nos diferentes âmbitos de atuação presentes no Brasil, para assim conseguir identificar precocemente os sinais de TEA e encaminhar para os serviços de saúde especializados e manter um tratamento longínquo.

No ano de 2019 houve a inclusão de perguntas sobre o autismo no censo que irá ajudar a determinar quantas pessoas no Brasil apresentam esse transtorno e como elas estão

distribuídas pelo território. O objetivo é direcionar as políticas públicas para que os recursos sejam corretamente aplicados em prol de quem tem autismo (Publicada [...], 2019). O que pode mostrar um aumento no interesse de publicações a partir de 2019 e 2020.

Quanto à formação profissional e titulação acadêmica, identificaram-se diferentes áreas do conhecimento. Dos autores com formação na área da saúde destacaram-se significativamente os enfermeiros (47%), seguidos dos médicos (23%) e da Terapia Ocupacional (8%). Autores que não haviam especificada sua graduação expressaram 6% entre a amostra.

Os dados referentes à formação profissional e titulação acadêmica foram coletados diretamente nos artigos, através de consulta no currículo Lattes dos autores ou nas instituições de formação dos autores ou páginas de acesso público. Considerou-se não encontrado para autores que não havia informação a respeito de sua titulação acadêmica em nenhum dos locais de pesquisa anteriormente relatados.

Entre as outras formações profissionais havia assistente social, psicologia, ciências, pedagogia, sociologia, ciências da computação e administração. Também foram identificados autores com mais de uma formação na área da saúde ou em outra área.

Nesta análise percebe-se uma expressiva participação da área da enfermagem por ser o profissional que têm este primeiro contato com a criança, tanto na atenção básica durante as consultas de puericultura, quanto em atendimentos de urgência e emergência durante a triagem. Esse número, bem como por ser um dos descritores pesquisados, não diminui a importância e o mérito do enfermeiro diante deste primeiro contato com o paciente e a família.

A percepção dos enfermeiros é fundamental para a identificação precoce desses sinais, visto que são os responsáveis pelas consultas de puericultura. No acompanhamento de crescimento e desenvolvimento, conseguem conversar com os pais e familiares e ter acesso privilegiado às características das crianças de até 36 meses de idade, o que pode revelar casos de TEA (Oliveira *et al.*, 2023).

É essencial que o profissional saiba relacionar-se com as crianças de forma geral, pois ele precisa acompanhar o ritmo de cada uma, passar confiança e saber agir de forma profissional em relação ao comportamento e ainda assim manter uma relação amigável com elas (Mota *et al.*, 2023).

O enfermeiro também tem seu papel de educador na medida em que procura orientar as famílias sobre a patologia e os sinais de atraso no desenvolvimento. A enfermagem ainda aparece de forma muito tímida no atendimento e tratamento de autistas, em parte, devido à falta de conhecimento da patologia pelos profissionais (Hofzmann *et al.*, 2019).

Essa falta de conhecimento pode prejudicar o atendimento eficaz que o enfermeiro presta à família e à criança, entretanto, a enfermagem é uma profissão conhecida por ter um olhar mais cuidadoso, desprovido de preconceitos e possui uma escuta qualificada e assistência individualizada que os permite ter um olhar além do que pode ser visível aos olhos, contudo, devem ser capazes de identificar mudanças comportamentais na criança que são relatadas pelos pais e/ou cuidadores.

Quanto aos resultados sobre a titulação dos autores dos artigos, identificou-se que 46% têm grau de doutorado, 14% têm grau de mestre e 4% de especialistas, bem como de pós-doutorado, também com 4%. Foi observada uma expressiva participação de graduados (23%); os autores que não foram encontradas as titulações acadêmicas, expressam uma participação de 8%.

Podemos perceber nesta análise, uma participação maior de profissionais com doutorado por estarem diretamente relacionados com pesquisas e uma expressiva participação de estudantes de graduação por interesse próprio no assunto que ainda é pouco abordado nas disciplinas curriculares.

Além disso, os artigos foram separados por categorias de tema e âmbitos de atuação dos profissionais. As categorias de tema contam com: “Perspectiva de Família e/ou Cuidadores”, “Perspectiva dos Profissionais da Saúde” e “Perspectiva dos Estudantes de Curso Superior”. As categorias de âmbito de atuação contam com: “Atenção Primária”, “Emergência/Hospitalar” e “Ensino”. Os artigos que não se enquadraram nas categorias acima, foram realocados nas categorias “Outros”.

Na categoria “Perspectiva dos Profissionais da Saúde” inclui-se os artigos que abordam os assuntos a respeito das práticas de cuidado dos profissionais da saúde de diferentes serviços, bem como seu conhecimento a respeito da doença e percepções sobre a detecção precoce, sinais de alerta e tratamentos. Essa categoria conta com uma porcentagem de 40% dos artigos selecionados.

Podemos perceber um aumento significativo de profissionais que buscam saber mais a respeito do TEA, bem como, relatos de profissionais da carência de especializações ou cursos que poderiam ajudar na sua formação a lidar com esse transtorno. A enfermagem tem um papel muito importante na detecção precoce da doença, no papel de ouvinte da família, pois é nesse meio que são percebidos os primeiros sinais.

A falta de capacitações e cursos a respeito do TEA para os profissionais enfermeiros impacta significativamente no cuidado prestado à criança com TEA e sua família. Um profissional despreparado para tal atendimento pode muitas vezes agir com descaso perante tal

situação acarretando um cuidado ineficaz e a descontinuidade do atendimento especializado que a criança com TEA necessita.

Quando a enfermeira vivencia o atendimento e presta assistência de enfermagem à criança com TEA, muitos sentimentos foram relatados como o de se colocar no lugar da mãe e de não saber como agir, sendo desafiador para as profissionais da saúde, em especial, para aquelas com mais tempo de formação (Pitz; Gallina; Schultz, 2021).

Entretanto, a literatura nos apresentou que, apesar da necessidade fundamental que a equipe de enfermagem apresenta na assistência desses pacientes, muitos profissionais evidenciaram que não possuem conhecimento suficiente ou mesmo não se sentem seguros na hora de prestar atendimento a esses pacientes e a falta de conhecimento pela parte desses profissionais pode prejudicar o processo de rastreamento e conseqüentemente o desenvolvimento dessas crianças (Araújo *et al.*, 2019).

A categoria “Outros” inclui os artigos a respeito da visão de uma enfermeira com diagnóstico de autismo e seu curso de tratamento, validação de informações analisadas por profissionais da saúde para construção de cartilha interativa para famílias de crianças com TEA, atuação da enfermagem frente à emergências com crianças e adolescentes com TEA na escola, papel da enfermagem frente ao TEA na atualidade, diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com TEA fundamentados em taxonomias de enfermagem e na teoria do autocuidado e o cuidado prestado pela equipe multiprofissional em diferentes âmbitos de atuação. Essa amostra conta com uma porcentagem de 30% dos artigos selecionados.

Após análise dessa categoria, podemos perceber como o TEA ainda é um assunto muito pouco conhecido pela sociedade. Mesmo tendo meios de diagnóstico precoce, ainda há lacunas a respeito da busca por informações e tratamentos tanto de pais, familiares e/ou cuidadores, quanto dos próprios profissionais da saúde.

A importância do profissional de enfermagem qualificado para identificar de forma precoce os sinais e sintomas do TEA é auxiliar familiares/cuidadores no acompanhamento direto do desenvolvimento da criança. Torna-se indispensável uma atenção especial a este tema na graduação, bem como, ao processo de formação profissional como um todo (Camelo *et al.*, 2021).

É fundamental ter competências para saber avaliar estas famílias de modo a que a intervenção vá no sentido de se dar apoio à família/cuidador, assim como apontar estratégias de forma a minimizar o impacto da perturbação autista na vida familiar. A enfermagem tem um papel decisivo nestas intervenções (Nogueira; Rio, 2011).

Já na “Perspectiva dos Estudantes de Curso Superior” inclui os artigos que abordam os assuntos a respeito do conhecimento dos estudantes de cursos de graduação da área da saúde e intervenções educacionais sobre a doença e manejo de paciente com TEA. Essa categoria conta com uma porcentagem de 25% dos artigos selecionados.

Nessa análise nota-se um aumento de estudantes despreparados no manejo do TEA e interessados no tema para agregar à sua formação. Percebe-se também a importância de abordar o tema na grade curricular de cursos da área da saúde, pois não só o enfermeiro presta o cuidado à criança com TEA, mas toda a equipe interprofissional.

Como podemos perceber nos trechos a seguir:

“Eu acho que de maneira geral poderiam ser feitas campanhas mais divulgadas porque eu não sei quais têm, não conhecia, que tivesse uma maior visibilidade e que também nos cursos da saúde tivesse pelo menos em uma disciplina algo tratando o assunto que um dia isso fosse abordado” (Carlos). “Acho que conversar sobre o assunto e trocar experiências com outras pessoas já é uma coisa boa porque são pessoas diferentes e visões de mundo diferentes, então esse debate, ouvir a opinião do outro, também é muito importante” (Florença) (Taveira *et al.*, 2022, p. 4).

Uma das maiores barreiras para aumentar a qualidade dos serviços de saúde mental é devido à falta de formação profissional adequada. Corroborando o exposto, a maior parte dos participantes da presente pesquisa afirmaram não ter recebido conhecimento suficiente acerca do TEA ao longo da graduação, o que indica um déficit no conhecimento desse transtorno em estudantes, futuros profissionais de enfermagem (Camelo *et al.*, 2021).

Os casos de TEA aumentam cada vez mais no Brasil e no mundo, e são necessários profissionais capacitados para identificar seus sinais precoces, entretanto, ainda há carência desse assunto na grade curricular da área da saúde onde deve ser a chave para a mudança desses futuros profissionais.

Na categoria “Perspectiva de Família e/ou Cuidadores” aborda um artigo a respeito de um centro de cuidado ao paciente e a família em um departamento de emergência hospitalar, demonstrando a vivência dos pais e/ou cuidadores de crianças com TEA, bem como o impacto do diagnóstico e o cuidado que recebem de profissionais da saúde. Essa categoria conta com uma porcentagem de 5% dos artigos selecionados.

Após a análise, percebe-se a importância que a enfermagem, e a equipe tem no auxílio a essas famílias que possuem crianças com TEA, tanto em seu cuidado no serviço de saúde quanto em grupos educativos apropriados para TEA e orientações em consultas pertinentes à enfermagem.

Como o TEA ainda é um assunto pouco conhecido, muitos pais ainda agem com descaso na esperança de que sejam somente manias de seus filhos, os pais também possuem pouco conhecimento ou até acesso limitado a informações a respeito. Alguns sentem medo ou até vergonha de expor seu filho dessa maneira, se submeter a testes, idas ao serviço de saúde de sua região ou até em consultas especializadas. Entretanto, cada vez mais os pais buscam a respeito e se comprometem a ajudar da melhor maneira que conseguem.

Tanto as mães quanto os pais se sentem amados e respeitados pelos filhos, apesar de todos os problemas de comunicação e socialização que vivenciam. É a experiência de amar e sentirem-se amados que também permeia o relacionamento afetivo, tornando suportável a sobrecarga de cuidados. Esses pais e mães prescindem da necessidade de declarações explícitas por parte dos filhos e se conformam com meneios de cabeça, frases sussurradas e toques físicos imprecisos. Aprenderam a compreender a linguagem especial dos filhos e sua forma característica de demonstrar afeto (Fadda; Cury, 2019).

Espera-se, assim, que o enfermeiro identifique as diferentes necessidades por meio do planejamento de cuidado flexível e individualizado, que considere a aplicação de intervenções e tecnologias de enfermagem e de metas possíveis e concretas, além de auxiliar os pais, quando se tratando de crianças recém-diagnosticadas, orientando-os sobre os desafios e cuidados ao paciente diagnosticado com TEA (Sena *et al.*, 2015).

Referente as categorias de âmbitos de atuação, na categoria “Emergência/Hospital” incluem-se os artigos que foram realizados em Departamentos de Emergência e Pediatria de hospitais e Unidades de Pronto Atendimento (UPA's). A amostra conta com 30% dos artigos.

Perante a amostra, podemos concluir que profissionais que trabalham em hospitais e UPA, em sua maioria, não estão devidamente preparados para atendimento à criança com TEA e a ambiência do local tão pouco. Uma característica do TEA é a questão de ter uma rotina em seu dia a dia e quando é levado a lugares onde não tem familiaridade, muitas das vezes pode desencadear uma crise, não só por mudanças na sua rotina, mas também pela ambiência do local não ser adequada, como, apresentar sons muito altos e maior quantidade de pessoas na espera do atendimento. Portanto é imprescindível que os profissionais atuantes no local saibam identificar uma criança com TEA a fim de agilizar seu atendimento para evitar uma crise.

Os profissionais de enfermagem não possuem conhecimento suficiente sobre as práticas de cuidado à criança autista, esse fator está relacionado a escassez de estudos e a não abordagem durante a formação acadêmica sobre essa temática (Evangelista, 2021).

O atendimento na emergência é muito rápido e pode deixar a criança um pouco agitada, agressiva ou até mesmo retraída. Pela quantidade de procedimentos a serem feitos

nesse curto espaço de tempo, o profissional deve estar atento para perceber os sinais de recusa da criança, para que haja a mudança de postura frente a ela, podendo assim realizar os procedimentos necessários com menos tempo (Cunha *et al.*, 2019).

No aspecto comportamental, seus interesses ou atividades são restritos, de modo que detêm certos hábitos, rotinas e rituais (comportamentos repetitivos), que se quebrados causam ansiedade e sofrimento, por exemplo, voltar para casa sempre pelo mesmo caminho passando pelos mesmos lugares, além de possuírem padrões rígidos de crenças e pensamentos (Buemo *et al.*, 2019).

Percebe-se que ainda há lacunas no conhecimento, o que torna necessário investir em pesquisas sobre esta temática a fim de aperfeiçoar o olhar profissional e as estratégias de atendimento, assim refletindo sobre como o ambiente hospitalar e das unidades de saúde, podem tornar-se mais inclusivos e acolhedores para todos os autistas e seus familiares (Lopes; Stoko; Canin, 2023).

Em “Ensino” incluem os artigos realizados em Universidades Públicas e/ou Privadas, visando a educação em saúde com acadêmicos, expressando uma porcentagem de 30%.

Perante a análise podemos notar uma expressiva participação de alunos interessados no tema, buscando mais informações a respeito do diagnóstico do TEA, bem como, intervenções na prática clínica e no autocuidado. Como futuros profissionais é imprescindível que haja uma preparação adequada ao longo da formação para lidar com o transtorno, entretanto, ainda há lacunas no ensino a respeito do TEA. Porém, cada dia mais, alunos de cursos de graduação, mostram interesse no assunto para melhor entendimento a respeito dos sinais precoces e linhas de tratamento atuais.

Os transtornos se manifestam de formas diferentes em cada indivíduo o que requer que os profissionais da área da saúde estejam preparados para identificar as principais demandas dessas crianças (Almeida *et al.*, 2024).

O conhecimento do estudante na graduação sobre o TEA será decisivo na aplicabilidade resolutiva de um melhor prognóstico e eficácia no tratamento terapêutico, tanto para o indivíduo como para a família. Sugere-se a abordagem do TEA na graduação de enfermagem de forma mais detalhada tanto na teoria como na prática, pois, com o aumento da prevalência do transtorno, o futuro profissional deverá ter mais segurança em suas ações contribuindo para uma qualidade assistencial (França; Souza; Bubadue, 2020).

Já em “Atenção Primária” inclui-se os artigos que foram realizados em Redes de Atenção à Saúde (RAS), Clínicas da Família (CF), Unidades Distintas de Atenção Primária à Saúde. A amostra conta com 20% dos artigos selecionados.

Durante a análise evidencia-se que a enfermagem tem um papel muito importante na atenção primária com as famílias e com a criança portadora do TEA, tanto na sua detecção precoce durante as consultas de puericultura, quanto no tratamento interprofissional que a criança deve receber. Não esquecendo do auxílio emocional que deve ser prestado às famílias, levando em conta sempre à escuta ativa para melhor atendimento a cada criança e família.

As famílias de crianças com risco para TEA devem encontrar na Atenção Básica sua possibilidade mais imediata de apoio no que se refere aos cuidados básicos de saúde, ao diagnóstico, à prevenção de agravos e às ofertas de reabilitação. A articulação com outros pontos de atenção deve ser feita institucionalmente, de maneira a evitar que as famílias se desloquem desnecessariamente e tentem individualmente seu acesso a outros pontos de atenção que se façam necessários (Ministério da Saúde, 2015).

Referente ao TEA, podemos perceber que os profissionais enfermeiros necessitam potencializar a realização de ações de treinamento e capacitação para implantação em sua prática assistencial na atenção primária à saúde, além de terem apoio e orientação de profissionais especializados na área de saúde mental (Souza, 2022).

Já na categoria “Outros”, em âmbitos de atuação, inclui os mesmos artigos que constam na categoria “outros” referente ao tema.

Esta análise conta com artigos que compõem diversos âmbitos de atuação, desde atenção hospitalar à atenção básica e instituições sem fins lucrativos. Participaram do estudo não só enfermeiros como todos os profissionais que compõem a equipe multiprofissional.

Podemos perceber nesta categoria a importância que a enfermagem, juntamente com a equipe multiprofissional, possui no atendimento e tratamento ao TEA e a família onde essa criança está inserida.

O número crescente de crianças diagnosticadas com TEA requer conscientização bem como a implementação de uma abordagem interprofissional na entrega de serviços que efetivamente promovam cuidados de saúde e resultados educacionais eficientes para a criança com TEA (Romeu; Rossit, 2022).

Se torna relevante a equipe multiprofissional, cujo suporte, desde o diagnóstico, passando pelo apoio à família, até o tratamento, está sempre buscando alternativas – fonoaudiológicas, psicológicas, neurológicas, fisioterapêuticas -, que penetram o universo do transtorno sem se ater a opiniões pré-estabelecidas, sem estigmatização, em busca de metodologias sempre mais relevantes para lidar com a síndrome (Costa; Santos; Beluco, 2021).

6 CONCLUSÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) afeta o neurodesenvolvimento do indivíduo, causando déficits enormes no seu desenvolvimento e crescimento, afetando a sua interação social, bem como a interação com a família. Sua etiologia ainda é desconhecida, mas estudos já apontam a identificação de fatores genéticos, ambientais e uso de medicações em excesso na gravidez.

O diagnóstico do TEA é realizado somente pelo médico especialista ou neurologista, entretanto, seus sinais precoces são percebidos ainda dentro do ambiente familiar ou até pelo enfermeiro de referência da família e são vitais para que as intervenções terapêuticas tenham sucesso e sigam efetivamente ao longo do tratamento para assim ter um prognóstico mais eficaz.

Perante a análise do estudo, pode-se concluir que os anos de maior prevalência foram 2019, 2020 e 2022. Sendo assim, o TEA, por ser um transtorno pouco conhecido, constam somente pesquisas mais atuais pela questão de mais pessoas estarem sendo diagnosticadas no Brasil e no mundo.

Nos países citados nos artigos, os de maior prevalência foram o Brasil seguido dos Estados Unidos. Percebe-se que no Brasil há um maior percentual de pesquisas a respeito do TEA, sendo assim, há uma maior procura por informações pelos profissionais e estudantes, para um melhor entendimento do transtorno e um atendimento mais eficaz na percepção do autismo.

Já nas formações dos profissionais, as de maior percentual, constam a enfermagem e a medicina, seguidas da terapia ocupacional. Podemos notar que a enfermagem, juntamente com a equipe multiprofissional, desempenha um papel de cuidado notável à essa criança autista e à família prestando um atendimento humanizado e uma escuta qualificada para resultar num tratamento mais adequado.

Referente às titulações dos profissionais, o doutorado possui maior prevalência na amostra, indicando que mais pesquisas são feitas por profissionais que já possuem experiência na área, ou já trabalham com o transtorno.

Neste estudo foram abordados os âmbitos de atuação que a enfermagem estuda a respeito do TEA. Perante os resultados, observa-se que os âmbitos encontrados foram a Atenção Primária, Atenção Hospitalar e Serviços de Urgência e Emergência e Universidades Públicas ou Privadas.

Os âmbitos de atuação, que apresentaram maior prevalência, foram serviços hospitalares pediátricos e departamentos de emergência e serviços de urgência e emergência. A partir disso, podemos concluir que a Atenção Básica, mesmo sendo a principal porta de entrada

para a família com criança autista, não é o principal âmbito de atuação, tanto na atuação do profissional de enfermagem, quanto da equipe multiprofissional.

Já os principais tópicos estudados pelos enfermeiros são o conhecimento dos profissionais e estudantes a respeito do TEA, sentimentos envolvidos ao lidar com o transtorno, experiências durante atendimentos, assistência à criança e a família, detecção precoce dos sinais e sintomas e indicadores para triagem do TEA, tanto em serviços de urgência e emergência, quanto nas consultas de puericultura.

A atuação da enfermagem frente ao TEA é de suma importância, não só na Atenção Básica, mas também em serviços de saúde de média e alta complexidade. O profissional é o primeiro a ter o contato com a criança autista, tanto nas consultas de puericultura, quanto na triagem, observando mudanças de comportamento expressivas de uma criança com TEA. Portanto é necessário um embasamento teórico e prático a respeito do manejo do transtorno.

Atualmente, mesmo o TEA não sendo abordado e apresentado nos cursos de graduação tanto por parte dos futuros profissionais, quanto dos já formados, gerando uma carência de conhecimento, nota-se que há uma maior procura pelo assunto, para fins educativos e para um melhor atendimento, que futuramente será prestado a crianças autistas e seus familiares.

Contudo, o cuidado centrado na criança e na família, tanto do profissional enfermeiro, quanto da equipe multiprofissional é imprescindível para um atendimento e acolhimento adequado no serviço.

Portanto, é verificada a necessidade de implementação sobre o tema nos cursos de graduação da área da vida, bem como, especializações ou até cursos a respeito. Dito isso, conclui-se que a enfermagem é a área da saúde mais importante para o manejo, escuta qualificada e atendimento adequado do TEA por ser o profissional que faz a ligação da criança e da família com a equipe multiprofissional e com os serviços especializados.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. M.; ALMEIDA, C. A.; FRANCO, E. M.; MARTINS, W. Desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem para o atendimento à criança autista. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, São Paulo, v. 7, n. 15, p. 1-12, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55892/jrg.v7i15.1412>. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1412>. Acesso em: 10 set. 2024.

ALMEIDA, M. L.; NEVES, A. S. A popularização diagnóstica do autismo: uma falsa epidemia? *Psicologia: Ciência e Profissão*, [s. l.], v. 40, p. 1-12, dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003180896>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/WY8Zj3BbWsqJCz6GvqGFbCR/?lang=pt>. Acesso em: 5 jun. 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA (ed.). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. 5. ed. [S. l.]: American Psychiatric Association, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **Diagnostic and statistical manual**. [S. l.]: APA. 1952. Disponível em: <https://archive.org/details/dsm-1/page/n1/mode/2up>. Acesso em: 22 nov. 2024.

ARAUJO, C. M. de; NASCIMENTO, J. de S.; DUTRA, W. L.; BARBOSA, J. de S. P.; LIMA, R. N. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, [s. l.], v. 1, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revista.rebis.com.br/index.php/revistarebis/article/view/32>. Acesso em: 15 set. 2024.

AUTISMO E REALIDADE. **Autismo e realidade**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BORGES, V. M.; MOREIRA, L. M. A. Transtorno do espectro autista: descobertas, perspectivas e *Autism Plus*. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Salvador, v. 17, n. 2, p. 230-235, jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.9771/cmbio.v17i2.21828>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/21828>. Acesso em: 24 nov. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**: Brasília, 27 dez. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 22 nov. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.861 de 18 de julho de 2019. Altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, para incluir as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista nos censos demográficos. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**: Brasília, 18 jul. 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13861.htm. Acesso em: 15 set. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acesso em: 12 set. 2024.

BRITER, L. DSM-5 e TEA: o diagnóstico do autismo. *In: INSTITUTO NEUROSABER DE ENSINO. NeuroSaber*. Londrina, 12 set. 2022. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/dsm-5-e-tea-o-diagnostico-do-autismo/>. Acesso em: 10 mai. 2024.

BUEMO, B.; ALLI, F.; IRACET, J. V.; RIBAS, L.; PEREIRA, R.; SALING, C. K.; NASCIMENTO, F. M. G.; PEREIRA, J. P. C. Autismo no contexto escolar: a importância da inserção social. **Research, Society and Development**, Itajubá, v. 8, n. 3, p. 1-12, 2019. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i3.822>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5606/560662194027/html/>. Acesso em: 15 set. 2024.

CAMELO, I. M.; CAMELO, E. C.; NEVES, K. R. T.; ARAGÃO, G. F. Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre autismo. **Enfermagem em Foco**, Brasília, v. 12, n. 6, p. 1210-1216, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n6.4890>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1369282>. Acesso em: 15 set. 2024.

COELHO, M; SANTO, A. E. **Autismo**: perda de contato com a realidade exterior. 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/36786513/Autismo_Perda_de_contato_com_a_realizade_exterior. Acesso em: 14 nov. 2024.

COSTA, N. M.; SANTOS, P. R. dos; BELUCO, A. C. R. A importância da equipe multiprofissional de crianças diagnosticadas com TEA. *In: ALMEIDA, F. A. de (org.) Autismo: avanços e desafios*. [S. l.]: Editora Científica Digital, 2021. p. 27-44. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/210705226>. Acesso em: 15 set. 2024.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

CUNHA, M. C. G.; PARAVIDINO, J. E. S. S. S.; NUNES, C. dos R.; BATISTA, R. S.; GOMES, S. R. Sistematização da assistência de enfermagem a criança autista na unidade hospitalar. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 385-402, 2019. Disponível em: <http://reinpec.cc/index.php/reinpec/article/view/328>. Acesso em: 15 set. 2024.

DERBLI, M. Uma breve história das revisões do DSM. **ComCiência**, Campinas, n. 126, mar. 2011. Disponível em: https://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000200006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 18 nov. 2024.

EVANGELISTA, J. J. S. **Autismo infantil**: intervenções realizadas pela equipe de enfermagem. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) – Faculdade Evangélica de Goianésia, Gianésia, 2021. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/18758/1/TCC%20JANAIIRA.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

EVÊNCIO, K. M. de M.; MENEZES, H. C. S.; FERNANDES, G. P. Transtorno do Espectro do Autismo: considerações sobre o diagnóstico. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de**

Psicologia, [s. l.], v. 13, n. 47, p. 234-251, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14295/idonline.v13i47.1983>. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1983/3126>. Acesso em: 14 nov. 2024.

FADDA, G. M.; CURY, V. E. A experiência de mães e pais no relacionamento com o filho diagnosticado com Autismo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Campinas, v. 35, n. esp., p. 1-9, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe2>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/ZmKTNVYCbJYknWFmMcrpwpQ/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2024.

FRANÇA, I. S.; SOUZA, M. do N.; BUBADUE, R. de M. Conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre crianças com transtorno do espectro autista: revisão literária. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, [s. l.], v. 3, n. 7, dez. 2020. DOI: <http://doi.org/10.5281/zenodo.4073482>. Disponível em: <https://zenodo.org/records/4073482>. Acesso em: 21 set. 2024.

GIRIANELLI, V. R.; TOMAZELLI, J.; SILVA, C. M. F. P. da; FERNANDES, C. S. Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil, 2013–2019. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 57, n. 21, p. 1-12, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004710>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/JBftZkCxZ6SYbqkJhyvCGYP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2024.

HOFZMANN, R. R.; PERONDI, M.; MENEGAZ, J.; LOPES, S. G. R.; BORGES, D. S. Experiência dos familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Enfermagem em Foco**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 64-69, abr. 2019. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1671>. Acesso em: 5 abr. 2024.

JERÔNIMO, T. G.; MAZZAIA, M. C.; VIANA, J. M.; CHISTOFOLINI, D. M. Assistência do enfermeiro (a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paulista de Enfermagem**, [s. l.], v. 36, p. 1-8, 2023. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO030832>. Disponível em: <https://acta-ape.org/en/article/nurses-care-to-children-and-adolescents-with-autism-spectrum-disorder/>. Acesso em: 2 ago. 2024.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [s. l.], v. 28, p. 3-11, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNbHcsndB9Sf5ph5KBYGD/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

LOPES, G. F. dos S.; STOKO, K. de O.; CANIN, S. P. **Cuidados de enfermagem ao paciente autista**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico em Enfermagem) – Etec Paulino Botelho, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/18174/1/TCC-AUTISTA-24.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2024.

MAENNER, M. J. *et al.* Prevalence of autism spectrum disorders among children aged 8 years: autism and developmental disabilities monitoring network, 11 sites, United States, 2016. **Surveillance Summaries**, [s. l.], v. 69, n. 4, p. 1-21, mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15585/mmwr.ss6904a1>. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7119644/>. Acesso em: 10 mai. 2024.

MARFINATI, A. C.; ABRÃO, J. L. F. Um percurso pela psiquiatria infantil: dos antecedentes históricos à origem do conceito de autismo. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 244-262, ago. 2014. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282014000200002.

Acesso em: 24 nov. 2024.

MARQUES, A. A. A bibliometria: reflexões para comunicação científica na Ciência da Comunicação e Ciência da Informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: INTERCOM, 2010. p. 1-10. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2437-1.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MARTINS, F. TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. In: **Gov.br**. Ministério da Saúde. [Brasília], 3 nov. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 15 jun. 2024.

MEDEIROS, T. de S. P.; SILVA, N. K. N. da; SILVA, T. B. do V.; MEDEIROS, L. S. de; NASCIMENTO, M. H. M.; PAMPLONA, M. C. do C. A. O papel do enfermeiro na triagem do Transtorno do Espectro Autista durante as consultas de puericultura. **Revista Eletrônica: Acervo Saúde**, Belém, v. 23, n. 4, abr. 2023. DOI:

<https://doi.org/10.25248/reas.e11874.2023>. Disponível em:

<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11874>. Acesso em: 10 mar. 2024.

MOTA, M. V. da S.; MESQUITA, G. da C.; SILVA, A. L. A. da; SILVA, N. M.; SOUSA, G. C. Contribuições da enfermagem na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão da literatura. **Revista Baiana de Saúde Pública**, [s. l.], v. 46, n. 3, p. 314-326, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1417747#:~:text=Este%20estudo%20objetivou%20descrever%20as%20principais%20contribui%C3%A7%C3%B5es%20da,de%20mar%C3%A7o%20a%2016%20de%20abril%20de%202022>. Acesso em: 10 mar. 2024.

NASCIMENTO, Y. C. M. L.; CASTRO, C. S. C. de; LIMA, J. L. R. de; ALBUQUERQUE, M. C. dos S. de; BEZERRA, D. G. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. **Revista Baiana de Enfermagem**, [s. l.], v. 32, p. 1-12, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-958103>. Acesso em: 24 nov. 2024.

NIKOLOV, R.; JONKER, J.; SCAHILL, L. Autismo: tratamentos psicofarmacológicos e áreas de interesse para desenvolvimentos futuros. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [s. l.], v. 28, p. 39-46, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000500006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/mQqCJBBZj3kmG7cZy85dB7s/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2024.

NOGUEIRA, M. A. A.; RIO, S. C. M. M. A família com criança autista: apoio de enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, [s. l.], v. 5, p. 16-21, 2011. Disponível em: https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602011000100003&lng=pt?script=sci_arttext&pid=S1647-21602011000100003&lng=pt. Acesso em: 16 set. 2024.

OLIVEIRA, A. R. P.; MORAES, J. R. M. M.; CABRAL, I. E. Detecção precoce dos sinais de alerta do autismo nas consultas de puericultura pelos enfermeiros. **Qualitative Research in Health**, Rio de Janeiro, v. 18, set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.36367/ntqr.18.2023.e893>. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/893>. Acesso em: 5 ago. 2024.

PITZ, I. S. C.; GALLINA, F.; SCHULTZ, L. F. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. **Revista de APS**, [s. l.], v. 24, n. 2, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2021.v24.32438>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/32438>. Acesso em: 5 ago. 2024.

PUBLICADA lei que inclui dados sobre o autismo no censo demográfico. *In*: SENADO FEDERAL. **Senado Notícias**. Brasília, 19 jul. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/07/19/publicada-lei-que-inclui-dados-sobre-o-autismo-no-censo-demografico>. Acesso em: 16 set. 2024.

RESENDE, S. D; CAMPOS, S. M. Transtorno do Espectro Autista: diagnóstico e intervenção psicopedagógica clínica. **Revista de Psicopedagogia**, [s. l.], v. 41, n. 125, p. 350-365, 2024. DOI: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20240034>. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnkcbpajpccpglefndmkaj/https://cdn.publisher.gn1.link/revistapsicopedagogia.com.br/pdf/v41n125a11.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

ROBINS, D.; FEIN, D.; BARTON, M. **Modified checklist for Autism in toddlers (M-CHAT)**. 1999. Disponível em: https://www.mchatscreen.com/wp-content/uploads/2015/05/M-CHAT_Portuguese2.pdf. Acesso em: 20 mai. 2024.

ROMEU, C. A.; ROSSIT, R. A. S. Trabalho em equipe interprofissional no atendimento à criança com transtorno do espectro do autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v. 28, p. 639-641, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0114>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/MC468jkW5w8wtQwbxz3RPMH/?lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2024.

SENA, R. C. F. de; REINALDE, E. M.; SILVA, G. W. dos S.; SOBREIRA, M. V. S. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015. DOI: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2015.v7i3.2707-2716>. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/3883>. Acesso em: 18 set. 2024.

SETÚBAL, J. L. Terapia ABA: conheça esse método para crianças com autismo!. *In*: **Instituto Pensi**. São Paulo, 11 nov. 2018. Disponível em: <https://institutopensi.org.br/blog-saude-infantil/terapia-aba-tratamento-autismo/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA – SBP. Triagem Precoce para Autismo/ Transtorno do Espectro Autista. **Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento**, [s. l.], n. 1, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/36786513/Autismo_Perda_de_contato_com_a_realizade_exterior. Acesso em: 14 nov. 2024.

SOUZA, A. T. L. **Papel da enfermagem na assistência a crianças autistas na atenção primária**. 2022. Monografia (Bacharelado em Enfermagem) – Centro Universitário Vale do Salgado, Icó, 2022. Disponível em: https://sis.univs.edu.br/uploads/12/ANA_TEREZA_LEITE_DE_SOUZA.pdf. Acesso em: 18 ago. 2024.

TAVEIRA, M. G. M. M.; CORREIA, D. S.; COELHO, J. A. P. M.; MIRANDA, C. T. Transtornos do espectro autista: visão de discentes dos cursos de medicina e enfermagem de uma universidade pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Maceió, v. 28, n. 6, p. 1853-1862, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023286.15292022>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/pkSzp93p64y7B6QrXR6PFpQ/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2024.

VOLKMAR, F. R; WIESNER, L. A. **Autismo**: guia essencial para compreensão e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2019.

APÊNDICE A – CRONOGRAMA

Quadro 1 – Cronograma

Janeiro a agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Coleta de dados e inclusão e exclusão de artigos	Elaboração do projeto	Análise dos dados obtidos	Análise criteriosa dos dados e conclusão da pesquisa	Defesa do Projeto para a banca

Fonte: autora (2024).

APÊNDICE B – QUADRO BIBLIOMÉTRICO

Quadro 2 – Quadro Bibliométrico

Nº	Título	Ano	País	Autores	Formação dos autores	Titulação dos autores	Tema abordado	Âmbitos de atuação
1	Assistência às famílias de Crianças com Transtorno do Espectro autista: Percepções da equipe Multiprofissional	2023	Brasil	Tassia de Arruda Bonfim; Bianca Cristina Ciccone Giacon-Arruda; Sueli Aparecida Frari Galera; Elen Ferraz Teston; Francisneide Gomes Pego do Nascimento; Maria Angélica Marcheti	Enfermagem Enfermagem Enfermagem Enfermagem Enfermagem	Doutora em enfermagem Doutora em Enfermagem psiquiátrica Professor Doutor em Enfermagem psiquiátrica Doutora em Enfermagem doutoranda em Enfermagem Doutora em Ciências	Sintetizar o cuidado prestado por profissionais da saúde em diferentes níveis de atenção às famílias de crianças com transtorno do espectro autista.	OUTROS
2	Cuidado à Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e sua família em Pronto Atendimento	2022	Brasil	Juliana Vieira de Araújo Sandri; Isabela Antonio Pereira; Thays Gabriela Lemes Pereira Corrêa	Enfermagem Enfermagem Enfermagem	Pós-Doutora Mestre em Saúde e Gestão do Trabalho Mestranda	Analisar a atuação dos enfermeiros a pessoas com autismo, bem como, a sua família em Unidade de	HOSPITALAR /EMERGÊNCIA

							Pronto Atendimento.	
3	Detecção Precoce dos Sinais de Alerta do Autismo nas Consultas de Puericultura pelos Enfermeiros	2023	Brasil	Angelica Ribeiro Pinto de Oliveira; Juliana Rezende Montenegro Medeiros de Moraes; Ivone Evangelista Cabral	Enfermagem Enfermagem Enfermagem	Graduanda Doutora Pós-Doutora em enfermagem	Descrever as percepções de enfermeiros sobre detecção precoce dos sinais de alerta dos TEA nas consultas de puericultura.	ATENÇÃO PRIMÁRIA
4	Diagnósticos e Intervenções de Enfermagem em Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Perspectiva para o Autocuidado	2022	Brasil	Juliana Macêdo Magalhães; Geovana Raíra Pereira de Souza; Denise Silva dos Santos; Tamires Kelly dos Santos Lima Costa; Thays Magda Dias Gomes; Marly Marques Regô Neta; Delmo de Carvalho Alencar	Enfermagem NÃO ENCONTRADO Enfermagem Enfermagem NAO ENCONTRADO Enfermagem Enfermagem	Doutora NAO INFORMADO Especialização em Enfermagem do Trabalho Especialização em Urgência e Emergência NAO INFORMADO Mestre em enfermagem Doutor em enfermagem em Saúde Pública	Descrever os diagnósticos e as intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista fundamentados em taxonomias de enfermagem e na teoria do autocuidado.	OUTROS

5	Indicadores para Triagem do Transtorno do Espectro Autista e sua Aplicabilidade na consulta de Puericultura: Conhecimento das Enfermeiras	2021	Brasil	Isabela Soter Corrêa; Fernanda Gallina; Lidiane Ferreira Schultz	Enfermagem Enfermagem Enfermagem	Residente em enfermagem Especialização em Enfermagem Obstétrica e Ginecológica Doutora em Saúde e Meio Ambiente	Descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia de Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade na consulta de puericultura.	ATENÇÃO PRIMÁRIA
6	Transtornos do espectro autista: visão de discentes dos cursos de medicina e enfermagem de uma universidade pública	2022	Brasil	Maria das Graças Monte Mello Taveira; Divanise Suruagy Correia; Jorge Artur Peçanha de Miranda Coelho; Claudio Torres de Miranda	Medicina Medicina Psicologia Medicina	Doutorado em medicina Doutorado em medicina Doutorado em psicologia Doutorado em Psiquiatria e Psicologia Médica	Descrever a revisão sobre estigma em relação ao Transtorno do Espectro Autista entre estudantes dos cursos de medicina e enfermagem	ENSINO
7	A Statewide Tiered System for Screening and Diagnosis of Autism Spectrum Disorder	2020	USA	Rebecca McNally Keehn; Mary Ciccarelli; Dorota Szczepaniak;	Medicine Medicine Medicine Medicine Medicine	PhD - Assistant Professor of Pediatrics MD - Professor of Pediatrics/Clinical Medicine/Clinical Pediatrics MD -	Describing the Early Autism Evaluation (EAE) Hub system, a statewide	ATENÇÃO PRIMÁRIA

				Angela Tomlin; Thomas Lock; Nancy Swigonski		Director for Clinical Innovation PhD - Professor of Clinical Pediatrics MD - Professor Emeritus MD - Professor Emeritus	initiative for ASD screening and diagnosis in the primary care setting	
8	Autism Spectrum Disorder: The Nurse's Role	2020	USA	Jayne Jennings Dunlap and Pauline A. Filipek	Nursing Medicine	Postdoctoral fellow MD at pediatrics and pediatric neurology	Discuss ASD epidemiology, screening and diagnosis as well as appropriate early actions nurses can take when ASD is suspected	OUTROS
9	Creating a Sensory-Friendly Pediatric Emergency Department	2019	USA	Elyssa B. Wood; Allyson Halverson; Gina Harrison and Amanda Rosenkranz	Nursing Science Nursing Nursing	PHD at Pediatric Emergency Bachelor in Science Master of science in nursing PHD in nursing Pediatrics Emergency	This article describes the nurse-initiated PI process and the journey to create an evidence- based sensory- friendly pediatric emergency department.	HOSPITALAR / EMERGÊNCIA
10	Factually Based autism awareness campaigns may	2020	Ireland	Saoirse Mac Cárthaigh and Beatriz López	Psychology Psychology	Doctor of Psychology Doctor in	This study explored the relationship	ENSINO

	not always be effective in changing attitudes towards autism: evidence from British and South Korean nursing students					Developmental Psychology	between autism knowledge, autistic traits, frequency of contact with autistic people and attitudes towards the individuals in British and South Korean students nurses and whether these relationships were affected by the presence of autistic traits.	
11	Mental health nursing and autism: i am a mental health nurse so why did it take me so long to realize i'm autistic?	2021	UK	Victoria Sweetmore	Nursing	Currently undertaking PhD study	Using authors experience as a late diagnosed woman with autism and as a mental health nurse, she identify some of the gaps in training and knowledge that mental health nurses have	OUTROS

12	Nursing care for pediatric patients with autism spectrum disorders: A cross-sectional survey of perceptions and strategies	2021	USA	Wada J. Mahoney, Minerva Villacrusis, Margaret Sompolsky, Collen Hammond, Brittany Iwanski, Gifty Abraham and Alyssa Charman	OT OT OT Nursing OT OT OT	PhD at Occupational Therapy and Medicine MasterOT MasterOT Bachelor in Science Nursing MasterOT in Pediatric Therapy DoctorOT at Midwestern University MasterOT at Northwestern Memorial Hospital and Midwestern University	The purpose of this study is to describe nursing staff perspectives about caring for children with autism spectrum disorder (ASD) in the hospital, strategies they use to support care and relationships between these factors	HOSPITALAR / EMERGÊNCIA
13	Patient and Family Centered Care in the Emergency Department for Children With Autism	2020	USA	David B. Nicholas, Barbara Muskat, Lonnie Zwaigenbaum, Andrea Greenblatt, Savithiri Ratnapalan, Christopher Kilmer, William Craig, Wendy Roberts, Justine Cohen-Silver, Amanda	Social Work Social Work Medicine Social Work Medicine Social Work Medicine Medicine Medicine Medicine Medicine	PhD PhD at children's mental health and pediatric health care MD at Developmental Pediatrics PhD at Hospital for Sick Children Bachelor of Medicine and Surgery Registered social Worker at University of Calgary Bachelor of Science at Pediatrics Department MD at Integrated Services for Autism and	The article explore PFCC (patient and family centered care) in the context of ASD. The aim is to examine how elements of PFCC were experienced and applied relative to emergency department care for children with ASD.	HOSPITALAR / EMERGÊNCIA

				Newton and Raphael Sharon		Neurodevelopmental Disorders Master of science at Women and Children's Health Program PhD at Department of Pediatrics MD at Pediatrician		
14	Pediatric nurses knowledge and experience of autism spectrum disorders: and italian survey	2019	Italy	Paola Corsano, Mariaelena Cinotti and Laura Guidotti	Pedagogia NÃO ENCONTRADO Psicologia	Mestre em pedagogia NÃO INFORMADO NÃO INFORMADO	The aim of the study is to investigate the knowledge of pediatric nurses about ASD and their experience aith children with ASD.	HOSPITALAR / EMERGÊNCIA
15	The knowledge of the nursing team about autistic disorders in children in the light of the human caring theory	2020	Brasil	Sarah Baffle Soeltl, Isabel Cristine Fernandes and Simone de Oliveira Camillo	Enfermagem Enfermagem Enfermagem	Graduada em enfermagem Mestre em Ciências da Saúde Doutorado em Infectologia em Saúde Pública	Analyze the knowledge of the nursing team about ASD and the approach to ehe subject during professional training based on the principles addressed in the Human Caring Theory	HOSPITALAR / EMERGÊNCIA

16	Validação de Informações para Construção de Cartilha Interativa para Famílias de Crianças com Autismo	2022	Brasil	Gisele Weissheimer-Kaufmann, Verônica de Azevedo Mazza, Victoria Beatriz Trevisan Nobrega Martins Ruthes e Lucas Ferrari de Oliveira	Enfermagem Enfermagem Enfermagem Ciências da Computação	Doutora em Enfermagem Doutora em Enfermagem Mestre em Enfermagem PHD em Ciências Médicas	Foram realizadas entrevistas com famílias de crianças com autismo para identificar as necessidades de informações para selecionar os assuntos para a cartilha	OUTROS
17	What can be improved in learning to care for people with autism? A qualitative study based on clinical nursing information	2022	Spain	José Luis Díaz-Agea, Natalia Macías-Martínez, César Leal-Costa, Gema Girón-Poves, Juan Antonio García-Méndez, Ismael Jiménez-Ruiz	Enfermagem NÃO ENCONTRADO Enfermagem Enfermagem NÃO ENCONTRADO Enfermagem	Doutorado em Investigação em Ciências Sociosanitárias NOT FOUND PhD - Professor NOT FOUND NOT FOUND Doutorado em Enfermagem	The aim of This Study was to identify the main patterns of erros that 4th year nursing students made in simulated clinical practice with scenarios of care for people with Autism Spectrum Disorder (ASD)	ENSINO
18	Addressing a Gap in Healthcare Access for Transition-Age	2019	USA	Dorothea Lannuzzi, Patricia Rissmiller,	Social Work Nursing Nursing Nursing Public Administration	PhD at Psychotherapy Doctor of Nursing Science doctoral degree in occupational	A mixed-methods randomized controlled trial	ENSINO

	Youth with Autism: A Pilot Educational Intervention for Family Nurse Practitioner Students			Susan M. Duty, Susan Feeney, Maura Sullivan and Carol Curtin	Psychology and Sociology	epidemiology Doctor of Nursing Practice Master of Public Administration PhD at Clinical Population Health Science	pilot study evaluated an educational curriculum focused on the medical needs of transition-age youth (TAY) with autism (ASD) for family nurse practitioner students.	
19	Conhecimento dos Estudantes de Enfermagem Sobre os Transtornos Autísticos	2019	Brasil	Ana Caroline Souza Saraiva Ferreira e Mariana André Honroato Franzoi	Enfermagem Enfermagem	Graduanda em enfermagem Doutora em Enfermagem	Analizar o conhecimento dos estudantes de enfermagem de uma universidade pública a respeito do Transtorno do Espectro Autista.	ENSINO
20	School Nurses on The Front Lines of Health Care	2019	USA	Chisty Lucas, Kelly Mahler, Cheryl D. Tierney, Robert P. Olympia	Medicin Occupational Therapy Medicine Medicine	MD in Science Pre-professional Studies Bachelor in Occupational Therapist MD in Pediatrics MD - Attending Physician	The article will present cases reflecting emergencies commonly encountered in the school	OUTROS

							setting, focusing on an evidence-based approach to the initial management, stabilization and disposition of the ill of injured child	
--	--	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: autora (2024).